



O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 7510 | Salvador, quarta-feira, 15.08.2018

Presidente em exercício Euclides Fagundes

Juros pesam no bolso dos que vivem de salário

Página 2

Um trabalhador morto a cada quatro horas

Página 4



Lei trabalhista impôs o fim da ultratividade e o negociado sobre o legislado. Retrocesso



RETROCESSO



MANOEL PORTO



Funcéf, Saúde Caixa e campanha salarial estiveram no centro do debate, na tarde de ontem, no Edifício 2 de Julho. A discussão prosseguiu, à noite, no Teatro Raul Seixas, do Sindicato.

O estrago da lei nos acordos

A reforma trabalhista causa estragos aos trabalhadores. As campanhas salariais estão aí para provar. O número de convenções coletivas fechadas no primeiro semestre de 2018 caiu 45,2% em relação ao mesmo período de 2017. Os patrões se aproveitam da nova legislação para tocar terror. Página 3





Quem entra no rotativo do cartão paga, em média, 334% de juros. Pesado

Juros corroem a renda dos trabalhadores

Transferidos R\$ 354 bi do trabalho para o capital em 2017

ROSE LIMA
imprensa@bancariosbahia.org.br

UM CLARO exemplo de que os bancos em atividade no Brasil extorquem o cidadão, que não tem a quem recorrer. No ano passado, somente com juros, foram transferidos R\$ 354,8 bilhões da renda dos trabalhadores para as organizações financeiras.

As taxas abusivas são hoje as maiores despesas das famílias brasileiras. Para se ter ideia, o valor supera, e muito, o que é gasto com transporte urbano, aluguel e alimentação fora de casa.

No Brasil, quem vacila nas contas e entra no rotativo do cartão de crédito paga, em média, 334% de juros. O cheque especial - dinheiro que está na conta, mas não é do correntista - também é outra furada. As taxas chegam a 324% ao ano. Índices que fazem do país o líder mundial em juros altos.

Governo neoliberal ameaça a Caixa 100% pública

MAIS uma demonstração que o caráter 100% público da Caixa está ameaçado. O Conselho de Administração da empresa anunciou que a escolha dos próximos vice-presidentes do banco será conduzida por consultoria privada através de processo seletivo externo. A medida é mais uma tentativa do governo de acelerar a privatização da instituição e entregá-la ao grande capital.

O CA utiliza a justificativa de que é necessário reforçar e fazer uma melhor gestão atribuindo cargos diretivos prioritariamente por "técnicos" advindos do mercado. Os empregados precisam ficar atentos para não deixar que retome a mesma prá-

tica adotada na década de 1990.

Por trás do processo seletivo para os postos de direção da Caixa, está a intenção de destruir a necessidade de melhoria da governança nas empresas públicas. Desta forma, retiram a responsabilidade da sociedade democrática e dos movimentos organizados na fiscalização dos recursos públicos para que tenha uma gestão transparente.

O movimento sindical acredita que uma das opções seria selecionar os dirigentes entre os empregados. A Caixa possui corpo funcional qualificado, formado através de concurso público, com médias de escolaridade e formação acima das demais instituições financeiras.

JOÃO UBALDO



Para o SBBA, seleção de vice-presidentes é mais uma ameaça à Caixa

Três agências atacadas na área do Comércio

A REUNIÃO que o Bradesco enrolou três meses para ter com o Sindicato dos Bancários da Bahia parece não ter surtido muito efeito de mudanças no quesito segurança. No último fim de semana, três agências na região do Comércio foram arrombadas. Os bandidos escolheram as unidades do Instituto do Cacau, Agência Centro, e também o antigo Banebão, na avenida Estados Unidos.

O grupo levou cadeiras de roda, bebedouros, equipamentos bancários, computadores e outros diversos itens essenciais para

os bancários das unidades. A insegurança é nítida. A área já é bastante deserta, fator que deveria intensificar as táticas de inibição a esse tipo de ataque.

Em vez de investir em segurança, o Bradesco deixa em pânico os funcionários, que até demissão pedem por medo de perderem a vida, afirma o diretor da Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe, Luis Bacelar. A realidade é triste, sobretudo se observado o lucro de R\$ 10,263 bilhões no semestre.

Acordos caem após a reforma

Patrões endurecem na negociação e aplicam a nova lei

ANA BEATRIZ LEAL
imprensa@bancariosbahia.org.br

A NOVA legislação trabalhista trouxe inúmeros prejuízos para os trabalhadores. Uma prova é que o número de convenções

coletivas fechadas no primeiro semestre de 2018 teve queda de 45,2% em relação ao mesmo período do ano passado.

Os dados da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) apontam que nos seis primeiros meses, a quantidade de acordos coletivos recuou 34%.

Desde que a reforma entrou em vigor, as campanhas salariais têm sido ainda mais difí-

ceis. Pesquisa do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) revela que nas mesas de negociação têm sido discutidos pontos que tiveram alterações com a nova lei.

Patrões e empregados debatem, por exemplo, a aplicabilidade da revisão do intervalo intrajornada; contribuição sindical; homologação da demis-

são pelos sindicatos; banco de horas; permanência da gestante em ambiente insalubre.

Os bancários estão em campanha salarial e já experimentam o gosto ruim da reforma. Os bancos se negam a garantir a ultratividade, mecanismo que foi derrubado pela nova lei e que renovava automaticamente os direitos da CCT (Convenção Coletiva de Trabalho).

Sindicato percorre as agências do Itaigara

O RITMO da mobilização do Sindicato dos Bancários da Bahia continua intenso. Com as negociações da campanha salarial em andamento, o diálogo com a categoria é diário. Funcionários e clientes das agências do Itaigara, em Salvador, foram visitados ontem.

Nas manifestações, os diretores da entidade falaram sobre sobrecarga de trabalho, que resulta em adoecimento da ca-

tegoria e clientes insatisfeitos com o atendimento, ataques do governo aos bancos públicos, insegurança, dentre outras demandas. Além de destacar a importância da participação de todos para a conquista de um acordo coletivo justo.

Durante as visitas, os bancários também foram lembrados de que sexta-feira tem negociação com a Fenaban e logo depois com o BB e a Caixa.



JOÃO UBALDO

Bancários cobram do BNB, que está em silêncio, uma proposta completa

BNB some. Bancários pressionam por proposta

ENQUANTO os empregados da Caixa, BB e bancos privados estão na expectativa de conhecerem as propostas das empresas, na sexta-feira, os funcionários do BNB, no entanto, estão a ver navios. A instituição financeira nem sequer marcou negociação.

A última rodada aconteceu no dia 6, que tratou das cláusulas referentes à saúde e condições de trabalho da pauta de reivindica-

ções dos trabalhadores, entregue ao banco no dia 13 de junho.

Os bancários querem a assinatura de um pré-acordo e a amplitude da minuta para todos e a apresentação de uma proposta que garanta os direitos dos trabalhadores e avance nas conquistas. Os funcionários cobram a revisão do PCR, Capef, Camed, fim da terceirização, contratação de novos empregados.

Na Bahia, 45,7% informais

A BAHIA ocupa a quinta posição no ranking nacional de trabalhadores informais, com 2,7 milhões de pessoas atuando sem carteira assinada ou de forma autônoma.

Segundo o IBGE, dos 5,9 milhões que trabalham no Estado, 45,7% são autônomos. Os números da Bahia estão acima da média nacional que é de 37,2%, dados registrados no primeiro trimestre de 2018.

A informalidade piorou pós reforma trabalhista. Entre os pri-



Informalidade tem sido a saída

meios trimestres de 2017 e 2018, o número de empregados sem carteira cresceu 14,1%, passando de 905 mil para 1,033 milhão.



Visita às agências para mobilizar a categoria. Sexta tem nova negociação

A cada quatro horas, um trabalhador morre

Foram 4,26 milhões de acidentes de trabalho de 2012 a 2017. Risco total

ANA FERNANDES
imprensa@bancariosbahia.org.br

A FALTA de investimento em segurança e prevenção por parte das empresas faz vítimas fatais. De 2012 a 2017, foram registradas 14.412 mortes e 4,26 milhões de acidentes de trabalho. Os dados são do Observatório Digital de Saúde e Segurança do Trabalho do MPT (Ministério Público do Trabalho).

O número, no entanto, pode aumentar. Segundo o MPT, com estimativas da OIT (Organização Mundial do Trabalho), um em cada sete acidentes são notificados.

Os servidores públicos estatutários, por exemplo, mesmo em licença médica ainda

recebem os salários sem que seja obrigatória a notificação junto ao INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). Os trabalhadores autônomos também só recebem auxílio se pagarem a Previdência Social. Como muitos não contribuem, nem sempre há notificações.

Prova de que as empresas negligenciam é que os acidentes poderiam ser evitados se houvesse maior organização no ambiente de trabalho e se a proteção coletiva estivesse na frente da produtividade. A situação se agrava com a aprovação da lei da terceirização e a reforma trabalhista.

Casos

Entre os acidentes registrados, a maioria, 636.411, ou 21,03%, foi por corte, laceração, ferida, contusão e punctura. Depois, surgem os acidentes com fratura, com 529.360 (17,05%), e por contusão e esmagamento na superfície, 476.281 (15,74%).

Brasil registrou 14.412 mortes decorrentes de acidentes de trabalho de 2012 a 2017



Negros são só 5,2% da classe A brasileira

A DESIGUALDADE social no Brasil está longe de acabar e o índice de negros e pardos nas classes mais altas, ainda ínfimo,

GABRIELA KOROSSY - CÂMARA DOS DEPUTADOS



Disparidade de renda entre negro e branco é alta

mostra a dura realidade do país. No ano passado, 464 mil pessoas que se declararam pretas e pardas ascenderam para classe A e B, segundo o levantamento feito pela Folha. Apesar do crescimento, as mesmas classes perderam 800 mil pessoas devido à crise.

Mas, o que chama atenção é a quantidade de negros e pardos, de apenas 5,4% na classe A e 1,2% na B. A disparidade de concentração de renda no país é gritante. A diminuição da classe A foi de 2,7% e da classe B chega a 0,7%.

A classe E ganhou 1,5 milhão de pessoas, alta de quase 9%. As famílias de classe A possuem uma renda média mensal total superior a R\$ 14.200,00 e as de classe B a partir de R\$ 4.000,00.



SAQUE

Rogaciano Medeiros

OPORTUNISMO Anteontem, às vésperas do registro da candidatura de Lula, marcado para hoje, a presidente do STF, Cármen Lúcia, fez elogio público à Lei da Ficha Limpa. Justamente a legislação que o golpismo neoliberal vai usar para tentar alijar da eleição o ex-presidente, condenado sem provas e preso ilegalmente. A politização do Judiciário atinge níveis incompatíveis com o mínimo que se possa chamar de Estado de direito.

PRESENÇA Preso ou em liberdade, inabilitado ou habilitado, Lula estará presente na eleição presidencial, queira ou não a direita raivosa. O nome do ex-presidente será gravado na cédula de votação, pois o candidato alternativo das forças progressistas vai se registrar como Fernando Lula Haddad. O ex-prefeito de São Paulo já é o segundo nas pesquisas ao ser identificado como o candidato de Lula.

FORA Para o experiente sociólogo Marcos Coimbra, do Instituto *Vox Populi*, apesar de o sistema e o todo poderoso mercado preferirem Alckmin, dificilmente o tucano conseguirá ir ao segundo turno. "A eleição será decidida entre Haddad e Bolsonaro". Ele diz que a simpatia por Lula só cresce, enquanto decresce o sentimento antipetista.

SIMPATIA Das quatro chapas com chances reais de chegar ao segundo turno na eleição presidencial de outubro próximo, três são casais – Haddad/Manuela, Ciro/Kátia e Alckmin/Amélia – e a outra uma dupla militar: Bolsonaro/Mourão. A dobradinha PT/PCdoB tem conquistado grande simpatia popular. É a melhor combinação.

ESQUERDA Do linguista Gustavo Conde: "O que é ser de esquerda? Ser a favor de inclusão social? Ser a favor de uma cobertura universal de vacinação de crianças e trabalhar por isso? Ser contra o racismo? Ser contra a homofobia? Ser contra o genocídio de índios? Ser contra o genocídio de presos? Isso é ser de esquerda?".

ELITISMO "A decisão do STF de propor um aumento de 16,38% para os salários de seus 11 ministros a partir de 2019 é um retrato da elite brasileira. Mostra falta de compromisso da elite e do STF com os mais pobres e com o próprio país". Opinião do jornalista Kennedy Alencar.